

Quando a pesquisa se torna travessia: um relato de experiência sobre os(as) benzedores(as) de Tefé-AM

When research becomes a journey: an experience report on the blessers of Tefé-AM

Cuando la investigación se convierte en travesía: un relato de experiencia sobre los(as) bendecidores(as) de Tefé-AM

 <https://doi.org/10.5281/zenodo.18368643>

Submetido em: 23/01/2026

Publicado em: 26/01/2026

Adriana Nonato Braga

Mestra em Ciências Humanas

Universidade do Estado do Amazonas (UEA)

adriananonato2014@gmail.com

 <http://lattes.cnpq.br/9838710991477306>

 <https://orcid.org/0009-0003-2496-6395>

Resumo: Este trabalho apresenta um relato de experiência construído a partir de uma trajetória de estudos desenvolvidos desde a graduação, aprofundados no mestrado e ampliados em produções científicas sobre a arte de benzer no município de Tefé-AM. A pesquisa fundamenta-se na escuta sensível e na convivência com benzedores(as) pertencentes a diferentes matrizes religiosas, católica, evangélica, espírita e de tradição sincretista, evidenciando que, apesar das distinções doutrinárias, o cuidado, a fé e a cura se manifestam como princípios comuns. O estudo destaca que o benzimento ultrapassa a execução de gestos e rezas, constituindo-se como uma prática espiritual que envolve troca de confiança entre benzedor(a) e benzido(a), relação com a natureza e saberes ancestrais. Ao situar-se entre a academia e o sagrado, o relato rompe com preconceitos históricos e reconhece o benzimento como um saber legítimo de cuidado, presente tanto na cidade quanto nas comunidades ribeirinhas. Conclui-se que compreender a arte de benzer exige abertura para a espiritualidade e para outras epistemologias de cura que dialogam com a cultura amazônica.

Palavras-chave: benzimento; saberes ancestrais; espiritualidade; cura; Amazônia.

Abstract: This paper presents an experience report based on a research trajectory developed since undergraduate studies, deepened during the master's degree and expanded through scientific publications on the art of blessing in the municipality of Tefé-AM, Brazil. The study is grounded in sensitive listening and close interaction with blessers from different religious traditions, Catholic, Evangelical, Spiritist and syncretic practices, showing that, despite doctrinal differences, care, faith and healing emerge as shared principles. The findings indicate that blessing goes beyond gestures and prayers, constituting a spiritual practice rooted in trust between the blesser and the blessed, a strong relationship with nature and ancestral knowledge. Positioned between academia and the sacred, this experience report challenges historical prejudices and recognizes blessing as a legitimate form of care present in urban and riverside communities. The study concludes that understanding the art of blessing requires openness to spirituality and alternative epistemologies of healing connected to Amazonian culture.

Keywords: blessing; ancestral knowledge; spirituality; healing; Amazon.

Resumen: Este trabajo presenta un relato de experiencia construido a partir de una trayectoria de investigación iniciada en la licenciatura, profundizada en la maestría y ampliada en producciones científicas sobre el arte de bendecir en el municipio de Tefé-AM. La investigación se basa en la escucha sensible y en la convivencia con bendecidores(as) de distintas tradiciones religiosas, católica, evangélica, espiritista y sincrética, evidenciando que,

a pesar de las diferencias doctrinales, el cuidado, la fe y la sanación se configuran como elementos comunes. El estudio demuestra que la bendición trasciende los gestos y las oraciones, constituyéndose como una práctica espiritual sustentada en la confianza entre quien bendice y quien recibe, en la relación con la naturaleza y en los saberes ancestrales. Situado entre la academia y lo sagrado, el relato cuestiona prejuicios históricos y reconoce la bendición como una forma legítima de cuidado presente tanto en la ciudad como en las comunidades ribereñas. Se concluye que comprender el arte de bendecir exige apertura a la espiritualidad y a otras epistemologías de sanación vinculadas a la cultura amazónica.

Palabras clave: bendición; saberes ancestrales; espiritualidad; sanación; Amazonía.

1. Introdução

Benzer não é apenas gestos ensaiados sem sentidos, nem somente palavras. Benzer é escutar o invisível, é aprender a linguagem do vento, das folhas e da fé que atravessa gerações sem jamais se perder. É uma arte que não se escreve apenas nos livros, mas se grava na memória do corpo, no silêncio das mãos e na confiança que passa de um coração ao outro, um saber que se mantém vivo porque é transmitido, cuidado e praticado por pessoas que o reconhecem como dom e responsabilidade (BRAGA, 2021).

O benzimento manifesta-se nos indivíduos de formas particulares sendo um momento marcante, assumindo múltiplas formas de cuidado e tratamento; contudo, entre os(as) benzedores(as), há um consenso recorrente: benzer trata-se de um dom concedido por Deus, recebido não como privilégio, mas como missão, o(a) benzedor(a) está destinado a servir, acolher e auxiliar aqueles que os procuram em momentos de dor, fragilidade ou necessidade espiritual (BRAGA, 2024).

Na Amazônia, essa prática se fortalece na relação com a floresta e com os rios, trazendo consigo as heranças indígenas, atravessamentos africanos e releituras cristãs, configurando-se como uma prática cultural e espiritual complexa, construída na experiência comunitária e no cotidiano do cuidado (BRAGA; SILVEIRA, 2024). Por isso, benzer não é apenas “curar”: é também acolher, sustentar, orientar e reorganizar o ser diante dos seus males visíveis e invisíveis, unindo palavra, gesto, oração e vegetal em um mesmo ato sagrado (BRAGA; SILVEIRA, 2022).

Os(as) benzedores(as) são guardiões desse conhecimento. Não se proclamam mestres, muitas vezes são reconhecidos pela comunidade antes mesmo de se reconhecerem. O dom chega como chamado, frequentemente silencioso, por vezes pesado, sempre atravessado por fé e compromisso. No município de Tefé, cidade do interior do estado do Amazonas, as narrativas de benzedores(as) mostram que, apesar de diferentes matrizes religiosas, espírita, evangélica e católica, africana, permanece a compreensão comum de que benzimento é um dom divino,

exercido como forma de cura espiritual e de cuidado integral da pessoa (BRAGA, 2024). E quando, em 2021, uma benzedeira da Umbanda foi escutada, ampliou-se ainda mais o horizonte: quatro religiosidades, um mesmo fundamento, a crença na força espiritual que se manifesta por meio do rito, da oração e do uso de ervas medicinais, a ferramenta mais preciosa que o(a) benzedor(a) possui não é ligada à uma religião específica, nem a um templo, a sua maior ferramenta é a fé (BRAGA, 2021; BRAGA, 2024).

Benzer é gesto simples e ao mesmo tempo complexo para o homem ou mulher entender. Um sinal da cruz, uma folha escolhida, uma oração murmurada. Mas, sobretudo, é cuidado. Em tempos em que o acesso à medicina formal era distante, o benzimento foi recurso fundamental para muitas comunidades, compondo uma rede de cura feita de fé, tradição e natureza, uma prática que não se encerra no passado, porque continua sendo buscada, reconhecida e atualizada (BRAGA; SILVEIRA, 2024). É nesse sentido que a “oração que cura” vai além da dor do corpo: ela reorganiza o espírito, devolve equilíbrio e restabelece vínculos entre o humano, o sagrado e a floresta (BRAGA, 2024).

Essa arte, no entanto, não é estática. Ela se reconstrói. Caminha com o tempo sem perder sua raiz. Cada benzedor(a) refaz o ritual à sua maneira, sem romper o fio ancestral que o sustenta: o benzimento se reformula, mas não se dissolve. Ele resiste porque está enraizado na experiência, na fé vivida e na relação íntima com o mundo natural, como mostram os estudos sobre os processos de (re)construção da benzedura e seus itinerários de aprendizagem (BRAGA; SILVEIRA, 2022).

E é aqui que a trajetória também vira travessia. Ao longo de anos de pesquisa, escuta e convivência, a arte de benzer não foi apenas tema: foi mestra. Ensinou que saber não é apenas acumular conhecimento, mas respeitar o mistério. Ensinou que as plantas falam, que o corpo responde à fé, e que a cura pode se manifestar na união entre palavra, vegetal e espiritualidade (BRAGA; SILVEIRA, 2024; BRAGA, 2024).

Agora, ao seguir para o doutorado, não há abandono, há continuidade. Começar uma nova temática não é deixar a anterior morrer: é reconhecê-la como raiz. O aprendizado com os(as) benzedores(as), com as religiões e com a floresta permanece como horizonte. Quando Seu Milton fala das entidades espirituais indígenas e do uso de ervas em favor do ser humano, abre-se um caminho onde espiritualidade e natureza não se separam: se complementam. E esse “spoiler” do novo percurso nasce justamente do que foi aprendido, a possibilidade de pesquisar o vegetal como benefício, como cuidado, como compromisso com a vida e com os saberes que a Amazônia ensina (BRAGA, 2024).

2. A fé no benzimento

A fé que encontrei entre os(as) benzedores(as) não mora em prédios, não se limita a altares nem se encerra em doutrinas. Ela se manifesta no gesto, na palavra dita em voz baixa, no olhar que acolhe e na confiança que se estabelece entre quem benze e quem é benzido. Compreendi, ao longo do caminho, que o benzimento só acontece plenamente quando há troca: fé de quem oferece e confiança de quem recebe. Sem esse encontro, o rito não se sustenta.

A fé do(a) benzedor(a) não é apenas crença, é entrega. É um estado que ultrapassa o mundo terreno e toca o invisível, que move o corpo, a mente e o espírito para um campo onde a cura se torna possível. Durante o rito do benzimento o corpo se aquieta, o pensamento se rende, e a fé passa a conduzir o ser para um lugar onde a dor perde força e o equilíbrio pode ser restaurado. Não se trata de negar a realidade, mas de atravessá-la pela confiança em algo maior que o palpável.

Na graduação, o benzimento surgiu como curiosidade pessoal acadêmica, mas com o andar da pesquisa se transformou em experiência de (des)construção. Pesquisar esta temática foi romper com paradigmas e enfrentar preconceitos historicamente impostos a homens e mulheres que, longe de qualquer interesse material, dedicam suas vidas a cuidar do outro. Foi ali que aprendi a não me deixar conduzir pelo que se dizia sobre eles, mas a ouvir suas vozes, observar suas práticas e reconhecer a dignidade de seus saberes.

Com o avançar das pesquisas, compreendi que ainda havia muito a aprender. Um dos momentos mais marcantes foi a fala de Seu Mesquita, benzedor que realiza suas práticas ao ar livre, nas margens da rua, exposto ao sol, ao vento e ao olhar de quem passa. Ouvi dele que o dom lhe foi concedido ainda na infância, gratuitamente, e que, por isso mesmo, seu compromisso era curar as pessoas também de forma gratuita. Essa lógica simples mostra uma ética rara: o que vem de graça não se negocia, se partilha.

Em paralelo, uma benzeadeira relatou que benzer não é apenas dar, é também absorver. Ao cuidar do outro, o(a) benzedor(a) descarrega dores, medos e energias que não lhe pertencem, mas que atravessam seu corpo. Segundo ela, esse processo exige força espiritual e preparo, e foi nesse contexto que Seu Mesquita foi descrito como alguém “muito forte”, justamente por exercer diariamente essa tradição de cura, sustentando o peso invisível que o rito carrega.

No mestrado, essa compreensão se ampliou. Aprendi que benzer não pertence a uma única religião. Ao ouvir e conviver com benzedores(as) da Umbanda, do catolicismo, do espiritismo e do protestantismo, percebi que, apesar das diferenças doutrinárias, todos

compartilham algo essencial: a fé em entidades que não são do mundo terreno e a certeza de que a cura não se limita ao corpo físico. Distintas religiões, um mesmo princípio, a crença no sagrado que atravessa o humano.

Essa trajetória ensinou que a fé não se impõe, não se mede e não se explica por completo. Ela se vive. E, no benzimento, ela se apresenta como força que conecta, reorganiza e transforma. Uma fé que não precisa de paredes para existir, porque habita o encontro, a palavra, o vegetal, o gesto e o silêncio.

Benzer, portanto, deixou de ser apenas objeto de estudo. Tornou-se aprendizado sobre o mundo, sobre o outro e sobre mim mesma. Uma lição de que curar é, antes de tudo, acreditar no que não se vê, e confiar que, quando a fé move o corpo e o espírito, a cura encontra caminho.

3. Ciência e benzer

Os(as) benzedores(as) não "explicam" Deus, eles O experienciam como uma presença nos elementos: na água da bacia, nas folhas colhidas ao amanhecer, no sopro que carrega a oração. Cientificamente, podemos analisar isso através da teoria dos sistemas complexos: a cura tradicional não opera por causalidade linear (A causa B), mas por ressonância sinérgica, onde gesto, palavra, crença e ambiente criam um campo de significado e representações que estimula recursos de autocura. Quando a benzedora dona Dinha, traça cruzeiros no ar enquanto murmura padres-nossos e outras palavras, ela não está apenas realizando um ritual, está ativando o que a neurociência chama de rede de modo padrão, associada à autorreflexão e à sensação de conexão transcendente.

A psiconeuroimunologia oferece uma chave para compreender a eficácia das orações no benzimento. Quando o benzedor entra em estado de concentração, pode ser descrito como "estar em graça". A oração, portanto, funciona como um regulador emocional, não por magia, mas por fé.

O toque terapêutico, presente no benzimento, estimula várias partes do corpo como o arrepio e até mesmo o desencadeamento da liberação de ocitocina, hormônio associado ao vínculo e à redução do estresse. O ritual cria um ambiente seguro, o que reduz os níveis de cortisol e permite que o sistema nervoso ative processos de reparação. O benzedor é uma figura respeitada dentro do grupo que compartilha esta prática, sendo visto como alguém confiável, servindo como ponte entre o indivíduo e sua comunidade.

A ciência nos ajuda a compreender por que objetos simples, a exemplo uma vela, uma garrafa com água e ervas, uma fotografia, ganham poder no contexto ritual. Estes elementos

funcionam como âncoras perceptivas que focam a atenção e criam um espaço liminar entre o simples e o extraordinário. Quando Seu Milton utiliza folhas de Pinhão-roxo (*Jatropha gossypifolia* L.) em seus benzimentos, ele faz uso não apenas de possíveis compostos bioativos (estudos fitoquímicos confirmam propriedades anti-inflamatórias em várias espécies), mas principalmente de símbolos culturalmente carregados que ativam expectativas positivas. Este efeito descrito na farmacologia é fundamental na eficácia de qualquer intervenção, e é maximizado pelo ritual.

Após anos de estudo de cura através de benzimentos em Tefé, há situações que resistem à explicação convencional. Não falo de substituição à medicina, mas de complementaridade inexplicada. Crianças com febres persistentes que cessam após benzimento específico; condições dermatológicas que regredem após banhos de ervas ritualizados; estados de ansiedade que se dissolvem com rezas. A ciência contemporânea começa a abordar tais fenômenos através de conceitos como plasticidade fenotípica extrema e psicobiológica, reconhecendo que o corpo humano possui capacidades de regeneração ainda pouco compreendidas, que podem ser ativadas por contextos significativos.

Os(as) benzedores(as) de Tefé não possuem explicações no sentido acadêmico, possuem testemunhos acumulados através de gerações. Eles operam numa lógica de eficácia prática mais que teórica. Como pesquisadora, aprendi que minha formação me equipou para analisar como essas práticas funcionam, mas não necessariamente porque funcionam nos casos mais extremos.

A verdadeira ponte entre ciência e benzimento não está na redução de um ao outro, mas no reconhecimento de que ambos são sistemas de conhecimento incompletos que abordam a complexidade humana de ângulos complementares. Os(as) benzedores(as) de Tefé nos lembram que antes de sermos organismos biológicos, somos seres de significado, e que a cura, em seu sentido mais profundo, envolve a restauração não apenas do corpo, mas do sentido de conexão: com a comunidade, com a natureza e, para muitos, com o sagrado.

A ciência do futuro, creio, não explicará Deus ou o divino, Deus esse mencionado pelos(as) benzedores(as), mas poderá nos ajudar a compreender melhor como as práticas que invocam essas realidades produzem efeitos na matéria viva. Até lá, mantenho o que os(as) benzedores(as) chamam de "humildade do aprendizado": a disposição de observar, documentar e, sobretudo, honrar os mistérios que persistem no espaço entre a erva medicinal e a bênção, entre os átomos e a oração, uma metáfora da complementaridade entre matéria e

significado, entre explicação científica e compreensão hermenêutica. Não se trata de escolher entre um e outro, mas de reconhecer que a saúde humana surge justamente nessa interação.

A ciência do futuro, mais integrativa e menos reducionista, talvez consiga modelar melhor essa interação, mas dificilmente reduzirá a oração a moléculas, pois algo essencial se perderia: a dimensão humana do sentido, que é tão vital para a cura quanto qualquer composto químico.

Por isso sigo estudando os(as) benzedores(as): não para provar que suas rezas e benzimento "funcionam" em termos laboratoriais, mas para compreender como seres humanos, em certos contextos, conseguem mobilizar forças de cura que a ciência ainda não sabe nomear, mas não pode ignorar. Buscar compreender como a fé é o ponto central da prática do benzimento e principalmente da vida dos(as) benzedores(as).

4. A cura do benzedor Seu Milton

O relato de Seu Milton, coletado em trabalho de campo na região de Tefé, não constitui mero documento, mas fonte primária para compreensão dos processos de sincretismo, transmissão oral e construção de epistemologias locais na Amazônia, onde palavras, gestos e objetos compõem uma gramática própria de cura, inserida no que chamaremos de complexo xamânico-espírita-popular amazônico.

As entidades me ensinaram utilizar o cupim, incendiar a casa do cupim, quando ele estivesse fumaçando derramasse um pouco de farinha branca encima do cupim e colocava o braço encima, para ficar recebendo aquela fumaça. Além disso tomar remédio de três ervas, o nome dessas ervas eram Mastruz, Carrapateira uma erva que se agarra em madeira e outro que chama de João-Mole (Entrevistado Seu Milton) (BRAGA, 2024, p. 87).

Objetos do benzimento, na maioria das vezes, as velas que não são apenas cera e chama: são cores que traduzem desejos. Cada tonalidade é uma oração que sobe com a fumaça, carregando histórias que a ciência não decifra, mas que o corpo aceita como bênção.

Os santos de gesso nas prateleiras envelhecidas não são imagens mudas. São testemunhas de um longo diálogo entre o crucifixo que veio nos navios e as entidades que sempre habitaram essas matas. A entidade que Seu Milton descreve como Flexeiro já não é apenas a entidade: é o guardião das canoas, o que encontra o que se perdeu no labirinto de igarapés. Suas mãos de gesso seguram, invisivelmente, as mãos dos que chegam com o espírito quebrado. Ele se tornou caboclo sem deixar de ser entidade, e nesse duplo pertencimento reside toda a teologia não escrita da floresta.

As garrafadas são curas paradas em vidro. Dentro delas, o tempo se faz remédio: mastruz, carrapateira, João-Mole, esse nome doce que esconde a força das ervas medicinais. Não são infusões, são paisagens líquidas. Cada gole é uma viagem ao encontro de saberes antigos que nascem no cruzamento de mundos: o indígena que nomeou as virtudes das folhas, o africano que trouxe o ritmo do preparo, o português que emprestou a garrafa. A cura está tanto no que as plantas contêm quanto no que as mãos que as colheram sonharam.

As entidades que ensinaram Seu Milton não são fantasmas. São vozes que surgem do rio da memória coletiva. Quando ele diz “as entidades me ensinaram”, está confessando que o conhecimento verdadeiro nunca é posse, é dádiva. Vem dos sonhos, das intuições que brotam como vitórias-régias no lago do inconsciente, dos sussurros que os antigos deixaram pendurados no ar úmido da floresta. Essa transmissão não segue livros nem diplomas: flui como o próprio Amazonas, carregando em suas águas todos os afluentes do sagrado.

O benzimento, no fim, é a arte de tecer fios invisíveis. Fio que costura ferida aberta, fio que liga o humano ao vegetal, fio que amarra o presente ao passado ancestral. Cada gesto do benzedor é um ponto nesse bordado sagrado que cobre a Amazônia inteira. A vela acesa, a folha esmagada entre os dedos, a palavra murmurada, são versos de um único poema infinito, escrito não no papel, mas na pele dos que creem, na casca das árvores, na superfície das águas paradas dos igarapés.

E assim se cura: traduzindo dor em narrativa, medo em ritual, isolamento em comunidade. A molécula e a oração não são opostas: são as duas margens do mesmo rio. A ciência navega por uma delas, medindo, analisando, explicando. O benzimento navega pela outra, cantando, simbolizando, abençoando. Mas ambas as canoas buscam a mesma nascente: o desejo humano de tornar suportável o sofrimento, de encontrar sentido onde parece haver apenas caos, de acender uma pequena luz nas noites escuras do corpo e da alma.

Na casa simples de Seu Milton, entre fotos desbotadas e vasos com ervas, o tempo se dobra. O passado dos avós indígenas se faz presente no preparo das garrafadas. O futuro da saúde desejada se antecipa na fé depositada no ritual. Tudo converge nesse instante sagrado onde um homem, queimando um cupinzeiro seguindo vozes que só ele ouve, reafirma o mais antigo dos saberes: que a cura verdadeira sempre começa quando aceitamos que não estamos sós, que somos parte de um tecido maior, habitado por santos, entidades, plantas que falam e memórias que curam.

E há o ritual, a exemplo do cupim de Seu Milton, esse pequeno milagre. Queimar a casa do inseto que corrói a madeira é um ato de ritualização que transforma a lenta destruição em

fumaça curativa. A farinha branca derramada sobre o montículo fumegante é a mediação perfeita entre o fogo que purga e a pele que recebe. Não é química, é poesia. O corpo de Seu Milton, ferido pelo acidente, tornou-se altar onde se ofereceu essa fumaça que cheira a terra e a transformação. O braço lesionado sob a nuvem quente era uma pergunta; a fumaça, uma resposta em gestos.

A afirmação de Braga *et al.* (2023, p. 4), ao destacar que “as plantas medicinais são utilizadas pelos indígenas como uma forma de restabelecer o equilíbrio do corpo e da mente, fortalecendo a conexão com a natureza e os elementos espirituais”, permite uma leitura que ultrapassa o uso terapêutico do vegetal em si e alcança uma compreensão mais ampla do processo de cura enquanto experiência espiritual e relacional. No contexto dos relatos de Seu Milton, essa perspectiva se materializa na atuação das entidades indígenas, como o Flecheiro, que, segundo ele, habita seu corpo para que, por meio dele, a cura seja realizada.

Nesse sentido, o corpo do(a) benzedor(a) não é apenas instrumento, mas território de passagem. Ele se torna espaço de mediação entre o mundo material e o espiritual, entre o humano e as forças ancestrais indígenas que conhecem os segredos da floresta. A entidade indígena não atua isoladamente: sua presença está ligada ao conhecimento das plantas, aos rituais e à relação com a natureza. Assim, as plantas medicinais não é apenas remédio, mas extensão do sagrado, elo vivo entre espírito, corpo e ambiente.

Coloco aqui um trecho da minha dissertação que chama muita atenção na fala de Seu Milton: “[...] o benzedor relata que: “A selva é indígena, um lugar espiritual para os indígenas. E a maior parte das entidades que ocupa são indígenas, muitos deles eu não sei o nome. Uma delas era a Tainha e o Flecheiro” (Entrevistado Seu Milton). (BRAGA, 2024, p. 57).

A incorporação da entidade Flecheiro no corpo de Seu Milton reforça a ideia de que a cura não se limita à dimensão física, mas envolve um reordenamento energético e espiritual. O equilíbrio mencionado por Braga *et al.* (2023) manifesta-se como uma reorganização do ser, em que mente, corpo e espírito são alinhados por meio da ação conjunta da entidade e do uso das plantas medicinais. A cura, portanto, acontece quando o benzedor se dispõe a ser atravessado por esse saber ancestral, permitindo que o conhecimento indígena, histórico, espiritual e ecológico, se expresse por meio de seu corpo.

Essa relação mostra ainda que, para os povos indígenas e para aqueles que dialogam com suas cosmologias, a natureza não é externa ao ser humano, mas parte constitutiva dele. Quando Seu Milton relata que a entidade indígena habita seu corpo, ele reafirma essa visão integrada do mundo, na qual não há separação rígida entre homem, planta e espírito. A cura

emerge exatamente dessa integração, dessa confiança no saber ancestral que reconhece a floresta como fonte de vida, proteção e equilíbrio.

Portanto, Braga *et al.* (2023) se correlaciona com os relatos de Seu Milton, compreende-se que o benzimento, mediado por entidades indígenas, apresenta uma epistemologia própria de cura: uma epistemologia que valoriza o corpo como canal, a planta como sagrada e o espírito como força ativa no restabelecimento da saúde. Trata-se de um saber que resiste às fragmentações do pensamento moderno e reafirma a centralidade da espiritualidade indígena na compreensão do cuidar e do curar.

5. Minha trajetória como educadora

Em 2022, com a publicação do livro *Escritos sobre História: ensino e itinerários de pesquisa no interior da Amazônia* (Figura 1), minha caminhada como pesquisadora encontrou, de forma ainda mais intensa, minha identidade como professora da rede municipal de ensino. Enquanto lecionava para alunos do 6º ao 9º ano, compreendi que ensinar guarda semelhanças com o que Seu Mesquita tantas vezes relatava sobre o benzer: não é apenas técnica, é dom. Assim como o benzedor não escolhe curar, o professor não escolhe apenas ensinar, ambos são cruzados por um chamado que vem da divindade. Ensinar, aprendi, também é um ato de fé: fé no outro, fé na escuta, fé na transformação que acontece silenciosamente. Tal como no benzimento, o conhecimento não se impõe, se partilha; não se vende, se oferece. E, assim como o dom de benzer foi dado de graça para servir, o dom de ensinar se manifesta quando o educador compreende que sua missão é tocar vidas, despertar consciências e cuidar de futuros, mesmo sem saber exatamente onde cada semente irá florescer (TEFÉ NEW, 2022).

Figura 1. Sessão de autógrafo do livro



Fonte: Tefé New (2022)

6. Quero falar agora de como nasceu o benzimento?

Muito tem-se falado dele como uma arte de gerações, um saber que atravessa o tempo, passando de mãos em mãos, de vozes em vozes, de fé em fé. Mas quem iniciou o benzer? Quem foi o primeiro a pronunciar uma palavra sagrada sobre um corpo adoecido? Quem percebeu que o gesto, a oração e a planta poderiam, juntos, aliviar dores visíveis e invisíveis? Essa pergunta ainda me acompanha, ainda ecoa como inquietação que não se encerra.

Talvez não seja a hora de compreender totalmente o passado. Talvez insistir em encontrar um ponto exato de origem seja ignorar a própria natureza do benzimento, que não nasce de um único lugar, nem de um único tempo. O benzer parece ter surgido da necessidade humana de cuidar, de proteger e de acreditar. Ele nasce quando alguém estende a mão ao outro e confia que algo maior pode agir naquele encontro.

Hoje, compreendo que olhar para o presente é, muitas vezes, mais urgente do que tentar decifrar o início. É no agora que o benzimento continua vivo, pulsando nas casas simples, nas ruas, à sombra das árvores, à beira dos rios. É no presente que homens e mulheres seguem benzendo, não para preservar um passado, mas para garantir que o futuro seja atravessado por boas energias, por esperança e por cuidado.

O benzimento não precisa ser explicado para existir. Ele acontece. E talvez sua maior origem seja exatamente essa: o desejo humano de que o amanhã seja melhor do que o hoje, e de que o sofrimento nunca seja enfrentado sozinho.

7. Benzer no Brasil: um saber que se reconhece em qualquer lugar

Ao assistir a uma reportagem no YouTube, uma entrevista concedida pela pesquisadora Marinilda Boulay, de Sorocaba, em São Paulo, essa compreensão ganhou novos contornos. Em sua fala, ao apresentar o projeto de um museu dedicado às benzedeadas “Benzer: tradição milenar de cura pela fé”, ela traduz, com delicadeza e profundidade, aquilo que tantas vezes ouvi em campo e vivi na pesquisa (BOULAY, 2023)

Marinilda explica que a força da benzedead brasileira está justamente na mistura. Um sincretismo potente, formado pelo encontro da religiosidade católica trazida pelos europeus, com as tradições profundamente enraizadas dos povos originários, seus rituais, seus pajés e xamãs, suas crenças e seus saberes sobre a natureza. A esse encontro somaram-se os afrodescendentes, que também trouxeram ervas, rezas, crendices e uma força espiritual marcada pela resistência e pela cura. Não se trata de fragmentos isolados, mas de uma união viva de cultura, construída no tempo, no corpo e na fé.

Ao ouvir essa narrativa, tornou-se ainda mais evidente que os benzedores(as) de outras cidades não são diferentes dos(as) benzedores(as) de Tefé. Mudam os sotaques, os nomes das ervas, as imagens sagradas evocadas, mas o fundamento permanece o mesmo. Em qualquer lugar do Brasil, benzer é cuidar. É confiar. É acreditar que a fé, quando compartilhada, tem potência de cura.

Essa constatação mostra que o benzimento não pertence a um território específico, mas a uma experiência coletiva. Ele se manifesta de maneira semelhante em aldeias, cidades pequenas, centros urbanos ou comunidades ribeirinhas. O que se repete não é a forma exata do ritual, mas o sentido: a entrega, a gratuidade, a confiança no sagrado e a relação íntima com a natureza.

Benzer, portanto, é universal. É um patrimônio imaterial que se reconhece no gesto do outro, mesmo quando realizado a quilômetros de distância. Essa semelhança não empobrece a prática, ao contrário, fortalece-a. Mostra que, apesar das diferenças regionais, há um fio invisível que liga todos os(as) benzedores(as) do país: a certeza de que a cura não vem apenas da matéria, mas da fé que atravessa corpos, histórias e territórios.

E é essa continuidade que faz do benzimento não apenas uma tradição ancestral, mas um saber vivo, presente e necessário, ontem, hoje e sempre.

Finalizo então, lembrando que durante as buscas por benzedores(as) em Tefé, deparei-me com um mosaico de doutrinas que, à primeira vista, parecem distintas, mas que, na prática do cuidado, se aproximam. Entre as tradições cristãs teístas, encontrei o catolicismo, representado por Seu Mesquita, e o evangelismo, vivido por Dona Dinha, ambos ancorados na figura de Jesus Cristo e na centralidade da Bíblia. No campo cristão-espiritualista, Seu Milton, espírita, mostrou uma fé voltada à evolução moral, à caridade e à compreensão da vida para além do plano terreno. Já na tradição sincretista brasileira, a Umbanda esteve presente por meio de um(a) benzedor(a) que, por questões éticas, pediu para não ser identificado(a), mas que expressa, em sua prática, o culto às entidades, o uso das ervas e o compromisso com a caridade. Religiões diferentes, caminhos distintos, mas um mesmo gesto: doar um pouco de si para cuidar do povo tefeense que necessita, sem distinção de crença, classe ou história.

E talvez aqui se abra um novo convite à reflexão: durante anos ouvimos as vozes de quem benze, aprendemos com seus dons, suas dores e suas entregas silenciosas. Mas permanece uma pergunta ainda não feita a eles, quem cuida de quem cuida? E, mais do que isso, talvez seja chegada a hora de conhecer o outro lado do rito: escutar quem é benzido, compreender como a fé recebida se transforma em cura vivida. Porque toda arte de benzer só

se completa quando a palavra lançada encontra eco no corpo, na alma e na história de quem a recebe.

8. Considerações Finais

Assim como nos outros trabalhos que realizei sobre o benzimento, opto por utilizar o termo Considerações Finais, e não Conclusão, por compreender que este percurso investigativo está longe de se encerrar. Falar de benzedores(as) é reconhecer que sempre há algo mais a aprender, algo que escapa às palavras e aos enquadramentos teóricos. Os saberes que sustentam a arte de benzer não se esgotam em uma pesquisa, nem se deixam capturar plenamente pela escrita acadêmica; eles se mostram na convivência, na escuta atenta e na experiência compartilhada com aqueles(as) que fazem da fé um gesto cotidiano de cuidado.

Ao longo desta trajetória, tornou-se evidente que curar vai muito além da execução de gestos, rezas ou rituais. Curar envolve presença, entrega, confiança e uma relação com o sagrado, com a natureza e com o outro. A cura acontece no encontro, na troca de fé entre quem benze e quem é benzido, em um processo que mobiliza corpo, espírito e emoção. Nesse sentido, o benzimento não pode ser reduzido a uma prática simbólica, mas deve ser compreendido como uma forma legítima de cuidado e de produção de sentido sobre a vida, a dor e a esperança.

Este trabalho constitui, portanto, um breve relato de experiência entre a academia e o sagrado, resultado de uma trajetória de pesquisa construída desde a graduação, aprofundada no mestrado e ampliada em artigos e investigações posteriores. Trata-se de um percurso que não apenas produziu embasamento teórico, mas também transformou percepções, desfez preconceitos e ampliou a compreensão sobre outras formas de conhecimento. Ao escrever sobre benzedores(as) de Tefé, escrevo sobre um processo formativo que atravessou minha prática enquanto pesquisadora, professora e sujeito sensível às múltiplas dimensões da fé.

É importante destacar que este estudo não se limita às experiências de Seu Milton, Seu Mesquita, Dona Dinha e do(a) benzedor(a) que, por questões éticas, optou por não ser identificado(a). Eles representam uma rede muito mais ampla de benzedores(as) que atuam nas comunidades ribeirinhas, nos bairros urbanos, nas margens das ruas e em espaços onde o cuidado se faz necessário. São homens e mulheres que, muitas vezes de forma silenciosa e invisibilizada, sustentam práticas de cura que atravessam gerações e continuam a atender aqueles que mais necessitam.

Diante disso, finalizo reafirmando que se faz cada vez mais necessário buscar e reconhecer a espiritualidade presente nos saberes de curar. Valorizar os(as) benzedores(as) é

valorizar formas outras de conhecimento, de cuidado e de relação com o mundo. É compreender que a cura não reside apenas no que é mensurável ou científico, mas também no que é vivido, sentido e acreditado. Assim, mais do que encerrar uma discussão, estas considerações convidam à continuidade da escuta, do respeito e da aprendizagem com aqueles(as) que, por meio da fé, seguem benzendo vidas.

9. Aspectos Éticos da Pesquisa

As pesquisas realizadas, só foram realizadas a partir da aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), atendendo às exigências éticas estabelecidas para estudos envolvendo seres humanos. Conforme apresentado na imagem, o projeto encontra-se devidamente registrado na Plataforma Brasil, com Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE nº 71756123.0.0000.5016), sob a minha responsabilidade, na época estava vinculada à Universidade do Estado do Amazonas (UEA).

10. Referências

BRAGA, Adriana Nonato. **A arte de benzer e seus processos de (re)construção na cidade de Tefé-Amazonas**. Monografia, Licenciada em História. Universidade do Estado do Amazonas, Tefé-AM, p. 52. 2021. Disponível em: <<https://ri.uea.edu.br/server/api/core/bitstreams/e45893e2-5282-4a16-a6af-d32afc72a098/content>>. Acesso em: janeiro de 2026.

BRAGA, Adriana Nonato; SILVEIRA, Cristiane da. **A arte de benzer e seus processos de (re)construção a partir do olhar dos curandeiros (Tefé – AM)**. p. 168-182. In: HOLANDA; Yomarley Lopes (Org.). Escritos sobre História: ensino e itinerários de pesquisa no interior da Amazônia. 1. ed. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2022. Disponível em: <<https://pos.uea.edu.br/data/noticia/download/37255-1.pdf>>. Acesso em: janeiro de 2026.

BRAGA, Adriana Nonato. **A Oração que Cura: Olhares e Vivências de benzedores(as)(As) no município De Tefé/AM**. Dissertação, Mestrado em Ciências Humanas do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas –PPGICH. Universidade do Estado do Amazonas. Tefé-AM, 2024. Disponível em: <<https://pos.uea.edu.br/data/area/dissertacao/download/64-3.pdf>>. Acesso em: janeiro de 2026.

BRAGA, Adriana Nonato; SILVEIRA, Cristiane da. **benzedores(as)(as) da cidade de Tefé-AM: conexões entre fé e saberes ancestrais na Amazônia**. Revista Contemporânea, v. 4, n. 5, p. e4428, 2024. DOI: <https://doi.org/10.56083/RCV4N5-167>. Acesso em: janeiro de 2026.

BRAGA, Ebson Gama *et al.* **O Poder Terapêutico das Plantas Medicinais: Um Estudo do Conhecimento Tradicional e Cultural**. In: Anais do Congresso Brasileiro Interdisciplinar em Ciência e Tecnologia. Diamantina-MG, 2023. DOI: <https://doi.org/10.29327/1298891.4-271>

BOULAY, Marinilda. **Entrevista concedida online (YouTube) sobre o projeto “Benzedeiras – tradição milenar de cura pela fé”**. 17 out. 2023. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=jAmmfuBvsGc&t=81s>>. Acesso em: janeiro de 2026.

TEFÉ NEW. **Professora de história de Tefé publica capítulo de livro sobre “A arte de benzer e seus processos de (re) construção a partir do olhar dos curandeiros”**. Portal Tefé News, 01 dez. 2022. Disponível em: <<https://tefenews.com.br/entretenimento/professora-de-historia-de-tefe-publica-capitulo-de-livro-sobre-a-arte-de-benzer-e-seus-processos-de-re-construcao-a-partir-do-olhar-dos-curandeiros>>. Acesso em: janeiro de 2026.